

REFLEXÕES DE UMA ATRIZ NA AUTODIREÇÃO¹

Nayara Tavares Silva²
Geórgia Cynara Coelho de Souza³
Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Resumo: Este trabalho em primeira pessoa busca refletir sobre as participações da atriz-pesquisadora nos filmes *Marcas d'água* (Thaís Oliveira, 2011) e *Dias Vazios* (Robney Bruno, 2019). Por meio da autoetnografia e de pesquisa bibliográfica focada em mise-en-scène e auto-mise-en-scène, objetivo é compreender os processos e desafios da autodireção, evidenciando as experiências adquiridas e as aprendizagens obtidas durante as gravações, além de refletir sobre a atuação, destacando a visão atriz em relação aos desafios enfrentados em sua carreira.

Palavras-chave: Atriz. Mise-en-scène. Autodireção. *Marcas d'água*. *Dias Vazios*.

Resumo expandido: Segundo Comolli, foi durante o século XX, na França, que o conceito de mise-en-scène era entendido como a encenação dentro de um enquadramento, ou também pela construção de uma cena. No entanto, o termo nasceu no teatro, e queria dizer “colocar no palco”, caracterizando, assim, tudo aquilo que compõe a cena, desde o figurino escolhido ao posicionamento do ator. Para o dicionário Aurélio (2010, p.921) mise-en-scène significa encenação teatral; direção e montagem de um espetáculo teatral; encenação, montagem e direção. Ação de fingir, de simulação, dissimulação, falsidade. Mas antes mesmo da elaboração desse termo: “O espectador de uma representação interpretada por atores é solicitado a crer que esses diferentes pedaços - corpo, texto, narrativa se reúnem na unidade da cena” (COMOLLI, 2008, p.29).

É possível observar também que, mesmo que a expressão mise-en-scène se refira a um todo daquilo que faz com que o público compreenda melhor a cena e o sentimento que ela quer passar, muitas vezes ela se refere ao trabalho do diretor e também do ator, que também pode ser o autor-diretor de uma cena que se encontra na experimentação de montar a sua visão de mundo.

A relação entre quem filma e quem é filmado comporta duas vias principais: ao filmar, posso acolher a mise-en-scène ou, então, tomá-la como objeto para o meu tratamento fílmico, minha estética, meu roteiro, minha experimentação; o primeiro gesto é o do documentário; o segundo, o da ficção - eis uma diferença decisiva. (COMOLLI, 2008, p.39)

Um conceito que vem da antropologia é que, ao se filmar, haverá o sujeito que é filmado, que passa por uma questão importante: o olhar do outro, daquele que o filma. Essa subjetivação

¹ Trabalho apresentado na 12ª Semana de cinema e audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (SAU UEG) e 2º Encontro das Escolas de Cinema do Brasil Central (EECABC), que ocorreu na cidade de Goiás (GO) de 14 a 16 de junho de 2023.

² Atriz de teatro e cinema. Graduanda em Cinema e Audiovisual na Universidade Estadual de Goiás.
E-mail: nayaratavares760@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Docente efetiva do Curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás.
E-mail: georgia.cynara@ueg.br

do outro acompanha a tomada de posição e direcionamento, inserindo, assim, no filme, a marca de quem o filma. Tanto para o cinema quanto para o teatro, por mais que tente parecer algo real, nunca o será, pois, até mesmo para quem está sendo filmado isso mudará sua forma de falar ou se ver.

O que fazer dessa alteridade que, se filmada, é aquela que se oferece, e não mais aquela que se recusa? Outro que me reconhece, espectador, como “seu” outro. O que fazer da vinda do outro quando ela é chamada pelo movimento do cinema, trazida por ele, registrada por sua operação? (COMOLLI, 2008, p. 13).

Este estudo se insere na linha de pesquisa bibliográfica e autoetnográfica para compreender os processos de abordagem e experiências da atriz-diretora autora principal desta comunicação, nos filmes *Marcas d'água* (curta-metragem ficcional, Thaís Oliveira, 2011) e *Dias Vazios* (longa-metragem ficcional, Robney Bruno, 2019). Busca-se primeiramente a teoria da mise-en-scène e da auto-mise-en-scène para se chegar à autodireção cinematográfica. Dentro de um processo criativo - seja por meio de exercícios de memorização, ou pelos próprios processos de pré-produção, pesquisas, laboratórios e outras experimentações-, a autodireção parte da premissa de que a atriz, a partir de suas referências, experiências e preparação, é capaz de conduzir, com autonomia e técnica, sua interpretação - entendendo que essa construção independente requer repertório, experiência, autoconfiança e autoconhecimento do corpo, expressões e habilidades artísticas.

Referências Bibliográficas

AUMONT, Jacques. **O cinema e a encenação**. Lisboa: Texto & Grafia, 2008.

ADLER, Stella. **The art of acting** – An acting methodology. Nova York: Applause Books, 2000.

BORDWELL, David. Figuras traçadas na luz. **A encenação no cinema**. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da Literatura Infantil e Juvenil**: dinâmicas e vivências na ação pedagógica. São Paulo: Paulus, 2002.

GUIMARÃES, Pedro Maciel. **A teoria do ator-autor**. XIII Estudos de Cinema e Audiovisual – SOCINE, São Paulo, vol. 1, p. 84 – 93, set. 2012.

GUIMARÃES, Pedro M. Chaplin-Ator: Subversões de modelos de encarnação. In: **Chaplin – Retrospectiva Integral**. Belo Horizonte: Fundação Clóvis Salgado, 2012. p.139 – 146.